

> Tereza Raquel Arraes Alves Rocha | **Rememória Kariri: uma flecha para iluminar o coração**

I Resumo: O presente texto, escrito em primeira pessoa, narra meu processo de retomada ancestral Kariri. Esse desenfeitiçamento colonial se deu a partir da articulação da reconstrução não historiográfica de memórias pessoais e familiares; estudos e pesquisas decoloniais e contracoloniais; de minha atuação como comunicadora popular em diversos territórios do Semiárido e pelo chamado das minhas ancestrais.

I Palavras - chave: Kariri. Retomada. Ancestralidade. Memória. Contracolonial.

> Tereza Raquel Arraes Alves Rocha é doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Literatura e Interculturalidade e graduada em Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pesquisadora do Laboratório Geru Maa de Africologia e Estudos Ameríndios, UFRJ - IFCS.

ORCID 0000-0003-4490-9091

Tereza Raquel Arraes Alves
Rocha

Kariri remembrance: an arrow to light up the heart

Abstract: The present text, written in first person, narrates my process of Kariri ancestral resumption. This colonial disenchantment occurred from the articulation of the non-historiographic reconstruction of personal and family memories; decolonial and counter-colonial studies and research; of my work as a popular communicator in several territories in the Semiarid region and by the call of my ancestors.

Keywords: Kariri. Resumption. Ancestrality. Memory. Countercolonial.

Vasculhar o passado tem sido como montar um álbum de figurinhas tal como costumava fazer quando criança. Havia sempre uma, duas ou três figurinhas que faltavam; outras, muito raras e únicas, nunca conseguia encontrar e ali ficava um buraco em branco quando passava as páginas. Mas nem por isso deixava de seguir em frente, abrindo mais um álbum, reunindo mais recordações.

Nasci cratense. Meu pai se chama Francisco Alves Rocha e minha mãe, Terezinha Arraes Alves Rocha. Tenho orgulho em dizer que o Araripe me atravessa em suas faces cearense e pernambucana. Outro orgulho, e esse transcendental, é o de ser uma mulher semiárida. Muitos anos depois, como sinal de carinho de amigos muito queridos, recebi o Paris, meu nome social, mas isso já é outra história.

Nascer nos anos 1980 na cidade do Crato representava aprender três coisas fundamentais: primeiro, que deveríamos evitar ter muita aproximação com o povo e a cidade de Juazeiro do Norte, afinal era de conhecimento que Juazeiro era terra de gente inculta e o Crato era de ilustrados; Em segundo, que nessa terra não havia indígenas. Isso era uma história muito antiga, de um povo chamado Kariri que havia habitado essas terras e que tinha sido exterminado com as invasões ao território. Águas passadas. Por último, não menos importante, dizem que, embaixo da Igreja da Sé, tem uma baleia.

Hoje contemplo como as estratégias da máquina de guerra colonial funcionam de Bangladesh ao Crato: genocidar a população originária; tecer narrativas e estratégias de

assimilação; decretar o desaparecimento corporal e simbólico dessa população, afinal, morto não reivindica terra. Acredito que quem me salvou do apagamento foi a força, a energia emanada pela Chapada do Araripe, bússola orientadora de afeto e espiritualidade que carrego no peito, e o Campo Alegre, sítio localizado ao sopé da Chapada do Araripe, onde passei toda minha infância e juventude. Lugar onde aprendi a respeitar a Caatinga, conviver com a seca e festejar a chuva.

Farejei-me Kariri há pouco, ou melhor, tive coragem de me reivindicar Kariri há pouco. Tive pela frente muitos anos em que me perguntava a quem se filiava esse rosto, essa tonalidade de pele, meus cabelos espessos. Onde estariam as mulheres que se pareciam comigo? Onde estariam as mulheres que pensavam e sentiam como eu? Devagar e de forma muito intuitiva, fui fazendo perguntas a mim e a todos ao meu redor. Com minha família não consegui ir muito longe. Infelizmente, os mais velhos, como avôs, avós e tias-avós, já se foram. Compreendi que essa busca não se daria apenas por um viés historiográfico, não depois desse grande incêndio devorador de memórias. Precisava confiar em minha intuição, precisava aprender a ser uma leitora... De silêncios, de não ditos e de figurinhas faltantes.

Assim, primeiro me deixei demorar frente ao espelho adquirindo coragem e buscando a dignidade que me foi negada. Coragem para acreditar no que a ancestralidade narrava através do meu rosto, pele e a energia vibrante que percorre minhas veias. Depois,

contemplei minha vida, minhas próprias lembranças e o que vi foram irmãos indo caçar na serra, uma família que, no tempo das chuvas, produzia muitos dos seus alimentos, que se organiza de forma matriarcal e é devotada à natureza e à sua proteção.

Outro elemento é muito sintomático: as estratégias de silenciamento interno, como conta minha mãe a respeito das minhas tias mais velhas: “As coisas aconteciam e se calava”. Deve ser por isso que, quando minha tia Cezídia me contou a origem da família, brotou um ancestral que era denominado apenas como “um moreno”, um homem sem nome e sem face que surge como nuvem nas narrativas da família.

Figura 1: Da esq. para a dir.: Cezídia Alves Rocha, Isabel Alves Rocha e Cecília Alves Rocha.



Fonte: Arquivo pessoal.

Minha família paterna morou por toda a vida na cidade do Crato, e esse ponto é importante. É importante porque o Crato foi um aldeamento. Segundo o naturalista George Gardner (1942), em seu livro *Viagem ao interior do Brasil*, a população da cidade do Crato, ainda na segunda metade do século dezenove, era de “quase todos índios puros ou mestiços” (p.152). Na minha família, não há narrativas de deslocamentos; não há porque meus ancestrais sempre habitaram esse território e continuam a habitar.

As memórias mais antigas narram que essa família primeiro morou na rua Pedra Lavrada, hoje Pedro II. A Pedra Lavrada tinha esse nome porque ficava às margens do rio Granjeiro — hoje aviltado e transformado em canal de esgoto — e, quando havia cheia, as águas lavavam as pedras que criavam a rua. Depois foram morar no que hoje é a rua Nelson Alencar, mas que naquela época era o limite da cidade, tanto que o cemitério se avizinhava. As imagens mais antigas da cidade do Crato mostram essa região formada por ruas de barro e casas feitas de barro e cobertas de palha.

A casa de minhas tias é um território até hoje que habita o imaginário da família como uma maloca primeira, onde todos e todas eram bem chegadas, esperadas, bem-queridas. A imagem com as três em frente à porta, sorridentes e unidas, é uma marca de afeto até mesmo para mim, sobrinha que as conheceu muito criança, mas que ainda recebeu a nutrição de seu amor e alegria. Lembro de tudo! A sala com as máquinas de datilografia de tia Cezídia; os quartos em meia-luz com as camas com mosquiteiros e paredes que não

chegavam ao teto; a cozinha com a grande mesa de madeira onde nos espremíamos; as plantas bem cultivadas (lembro especialmente do pé de papoula e da planta que elas diziam que trazia dinheiro); e o papagaio, é claro. E o amor, a bem-querença e a alegria.

Para mim, narrar essas memórias é devolver a diversidade do mundo. Repovoar o Cariri com as narrativas ancestrais a respeito de uma gente expulsa de sua historiografia. Minhas tias Cezídia, Isabel e Cecília, vistas como desimportantes e sem história, traziam em seu cotidiano as marcas de sua ancestralidade. Recebiam bandas cabaçais em sua casa, tinham as plantas e a religiosidade como companheiras, costumavam me sentar no chão e me alimentar com as mãos. Tia Cecília e seu cachimbo.

Figura 2: Cezídia Alves Rocha.



Fonte: Arquivo pessoal.

Todas essas informações enviesadas, soltas, ditas de forma desimportante emergem para mim como um símbolo do apagamento sofrido por diversas famílias Kariri, principalmente as que permaneceram nas franjas das cidades. Famílias que, devido à pobreza compulsória, utilizavam a estratégia de apagamento étnico para diminuir o peso do preconceito e possibilitarem uma vida menos sofrida. Tia Cezídia é a que mais sintetizava isso quando demonstrava um racismo entranhado que facilmente se explica ao olhar seu passado de negação, mas uma coisa é certa: ela deu nó em pingo d'água¹.

1 Expressão regional que significa agir com sagacidade.

Educadora da rede municipal do Crato/CE e professora de datilografia. Morou por quase toda a vida na rua Nelson Alencar. Mulher de tino, empreendedora, economizou o salário de professora, comprou máquinas de datilografar e criou sua escola de datilografia na sala de casa. Teve centenas de alunos, que, à tarde, enchiam a casa com os sons do bater das teclas.

À noite, tomava a mesma sopinha de arroz que tinha o poder milagroso de se multiplicar conforme as sobrinhas e sobrinhos chegavam. Cezídia não casou nem teve filhos. Trabalhou, se sustentou, ajudou sua família. Nem imagino a força dessa minha tia para estudar ao ponto de se tornar professora e ir contra o destino da maioria das mulheres de sua época; em se tratando de uma mulher originária, isso se torna um feito esplêndido!

Reunir essas memórias outras não foi fácil. Tive que desenvolver familiaridade com conceitos e palavras como “epistemicídio”, “etnocídio”, “memoricídio”, que sem eles

nunca entenderia como a colonialidade é uma máquina de triturar gentes e identidades. Entendo também que por habitar um corpo feminino, atravessado por machismo, racismo, patriarcado, o nível de insegurança pode ser paralisante nesse processo. Houve muito choro. Me perguntava se não estava imaginando, inventando tudo isso. Me fiz perguntas duras: “Será que em minha necessidade de acolhimento não estava forçando uma ancestralidade?”. Aconteceu muitas vezes. Mas como me disse um bom amigo: “Não há como passar por esse processo sem lágrimas”. É duro, mas, quando por fim nos coroamos, quando por fim nos permitimos incorporar nossa dignidade, anunciar nossa ancestralidade e sermos acolhidas em nossa humanidade e singularidade, é mesmo uma cura. Um renascimento.

Cada uma/ um vai ter seu processo. Vai usar de suas habilidades, sagacidade. O mais importante, a meu ver, é colocar em xeque o olhar separativo da colonialidade que tem a ousadia de classificar, determinar os “verdadeiros” indígenas. Afinal, se nos aprofundarmos em como se deu o processo de invasão e ocupação do Semiárido brasileiro, do Cariri cearense, levando em conta o projeto de genocídio e assimilação de sua população originária, muitas chaves de percepção começam a brotar para nós.

Perguntas como: Quem compõe a matriz étnica do Semiárido? De onde vêm aqueles que chamamos de pardos, caboclos, sertanejos, vaqueiros, beatas, parteiras, rezadeiras? Aquelas e aqueles que amargaram e amargam a pobreza compulsória nas periferias das cidades? O modo de estar e vivenciar o mundo dos caririenses descende de quem?

A história do Semiárido e de seus povos originários ainda está por ser contada. São centenas de anos de apagamento e negações. Mas, por todo esse território, parentes interromperam o silêncio e reivindicaram a fala. Dona Tereza Kariri deu seu grito de independência ainda na década de 1980 e com ela veio um cordão inteiro de Kariris, Potiguaras, Tabajaras, etc. No Crato, artistas como Bárbara Matias, Jean Alex, Manoel Leandro, Jéssica Kariri reposicionam a cultura e proclamam uma nova estética e poética originária. Já sabemos que Poço Dantas, no Crato; Sítio Mororó, em Santana do Cariri; Sítio Marrecas, em Lavras da Mangabeira, levantam-se e proclamam: Somos Kariri!

Do meu lugar, proclamo: Sou Kariri! O Cariri é Kariri! Sou nova nessa jornada e te convido a fazer parte desse cordão. Não desaparecemos, sempre estivemos aqui e só estamos (re)começando.

Referências:

- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- GARDNER, George. **Viagens no Brasil**: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**, 2009.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCT/UnB, 2015.